

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS

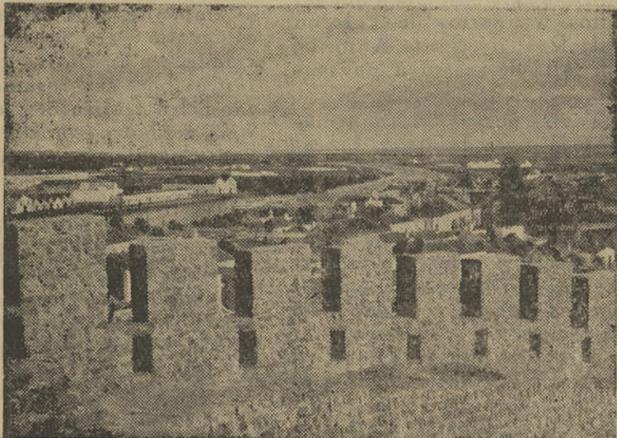
Série de 10 números — No concelho de Tavira . 8\$00
, > 10 > — Para outras localidades . 9\$90

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

O Porto e Barra de Tavira

são problemas urgentes

O desassoreamento da Barra de Tavira é um problema de mais urgente necessidade pelo que ele representa de prejuízo para a vida comercial e industrial do concelho e até mesmo pelo que representa de perigo para a navegação. Muito embora o nosso Município tenha, por di-



As ameias do Castelo de Tavira

versas, vezes feito ouvir a sua voz clamorosa junto do Governo nunca é demais lembrar, que o Inverno se aproxima e as dificuldades que os nossos pescadores encontram diàriamente para ir ou voltar da sua árdua faina.

É este, sem dúvida, um dos mais importantes problemas que a cidade anseia por solucionar, pois no estado de assoreamento em que a barra de Tavira jaz há tantos anos, é o mesmo que dizer-se que fora cortada a uma tão importante região piscatória, uma das suas

Continua na 2.ª Página

Viva Portugal

As afrontas feitas a Portugal na última assembleia geral da O.N.U. fizeram vibrar a consciência nacional.

O País inteiro sentiu a repulsa por tão injustas acusações e desde a massa escolar dos nossos liceus e escolas superiores aos clubes desportivos, todos foram unânimes em manifestar ao Governo o seu apoio, a sua inquebrantável fé, o calor da sua juventude heróica para verberar o procedimento dos inimigos da unidade nacional, protesto que tem sido extensivo a todos os sectores da vida portuguesa.

Queremos um Portugal Eterno, Uno e Indivisível — eis o brado que ecoa de lés a lés da terra lusitana.

Continua na 3.ª página

O NOVO SERVIÇO

de comboios rápidos para o Algarve

Os comboios rápidos com ida e volta no mesmo dia pelo vale do Sado, terão lugar às quartas sextas e domingos, com partidas de Lisboa às 7,40 horas e chegadas a Tunes às 13,15, Faro 13,39 e Vila Real de Santo António às 14,45; O percurso de Tunes a Lagos é feito em automotoras, visto a composição de Lisboa não levar carruagem directa para Lagos, sendo a chegada a esta cidade às 14,20.

Nos mesmos dias, regresso a Lisboa.

Partida de Vila Real de Santo António às 17 horas; Faro, 18,8; Tunes 18,47. Em Tunes recebe os passageiros vindos de Lagos com partida daquela cidade às 17,32.

Este serviço terá início no próximo dia 30 de Novembro.

O actual rápido (semi-directo) Lisboa-Algarve, via Beja, continuará a efectuar-se nos mesmos dias, isto é, terças, quintas e sábados, com os mesmos horários de partida, devendo contudo, a hora de chegada aos destinos ser alterada, conforme horário que ainda está em estudo.

(Informação da Casa do Algarve)

O Concelho de Tavira

manifestou-se
contra os inimigos de Portugal

O concelho de Tavira, em telegramas enviados ao Governo, subscritos pelos srs. presidentes da Câmara e da União Nacional, manifestou o seu repúdio contra a campanha feita na O.N.U. contra Portugal.

Eis a cópia dos referidos telegramas:

Presidente de Conselho de Ministros
Ministro do Interior

Câmara Municipal de Tavira em reunião conjunta com Comissão Concelhia União Nacional verbera e repudia indignamente a campanha urdida na ONU pelos agentes comunistas contra Portugal.

Aproveitamos oportunidade para afirmar a V. Ex.ª que somos por Portugal livre uno e indivisível.

Presidente Câmara
Presidente União Nacional

VIDA MILITAR

Em visita de inspecção do Centro de Instrução de Sargentos Militares de Infantaria, esteve nesta cidade, nos dias 20 e 21 do corrente, o sr. General Alves de Sousa, Comandante da 4.ª Região Militar.

Carta de um conterrâneo

Coisas que esquecem — «A Escola Jara»

EMBORA o edifício tivesse sido demolido para no seu lugar se construir um outro com maior utilidade pública, se assim o entenderem, ficou contudo o lugar onde existiu a Escola Jara. Sim, tinha o nome daquele que a mandara construir.

Mas o lugar só não seria bastante para posteridade do grande filantropo. Todavia, só faz lembrar aos antigos alunos que ali, mas noutra edificação, existiu de facto a escola onde aprenderam a ler e a desenhar, que se fizeram interessantes exposições de trabalhos manuais e de desenhos, orientados pelo saudoso professor João Gimenez.

Continua na 3.ª página

Obras que bradam aos Céus!

A propósito de um esclarecimento

BEM acerta lo an lou o rev. Párico que fez publicar o esclarecimento inserto no número anterior deste jornal porque assim ficámos, eu e muitos mais, sabendo a quem pertence a igreja das Dúvidas e os «dividos efeitos» de ela ser propriedade de um organismo que não a Paróquia. P-la parte que me toca muito e muito obrigado.

Antes de mais nada devo «esclarecer», eu também, que, seja de quem for uma propriedade, é da mais comzeinha solidariedade humana — entre gente civilizada, claro está — todos terem o dever de correrem em seu socorro quando porventura esteja em perigo ou em vias de sofrer qualquer prejuizo.

É o que acontece na vida em sociedade, moralmente bem formada, no caso de incêndios, inundações, acidentes pessoais etc etc. Até no caso de uma simples queda na rua... coisa que sempre faz rir.

Não á que indagar a quem a coisa pertence ou quem é a pessoa atingida pelo transtorno.

Se o desastre já se deu, lamentar (mas lamentar no significado de sentir verdadeiramente) o sucedido está exactissimamente nas mesmas condições. Pois valerá a pena investigar de quem são as responsabilidades do irremediável?...

E desastres irremediáveis são quase todas as obras feitas nos templos mesmo quando da responsabilidade dos respectivos paróquias... Devo mesmo dizer que ainda não tive a dita de ver alguma que não fosse mais ou menos asnática. E, a Deus querer, ainda muitas mais terei que ver... O ponto é que os reverendos (e os

Continua na 3.ª página

A Campanha contra Portugal

Atoardas e Mentiras!

O INIMIGO comum, não desarma, não afrouxa, pelo contrário, cada vez mais intensos os seus desígnios contra o portuguêsismo de Angola, de Moçambique, da Guiné e das outras províncias de além-mar. Torna-se necessário ter-se consciência do perigo que nos ameaça.

por Luís Sebastião Peres

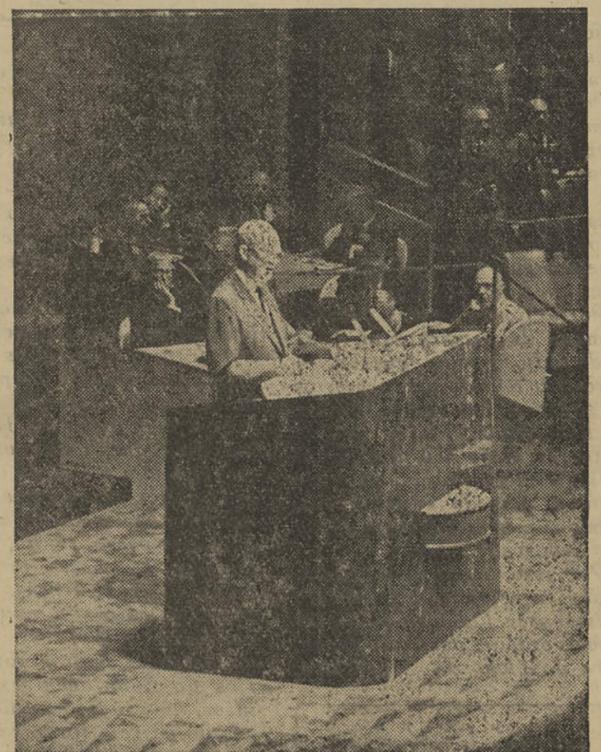
Não existem dúvidas. Não há dúvidas. Assim o indica a acometida directa e declaradamente agressiva do chefe do Kremlin.

Outro motivo há ainda para que não tenhamos ou posamos albergar nos nossos corações a menor dúvida quanto ao êxito final desta campanha de atoardas e mentiras que nos é imposta e que faz parte da grande ofensiva contra o Ocidente e contra tudo o que fale de civilização ocidental. Esse motivo está no facto de serem as populações das províncias ultramarinas, portuguesas.

Atoardas e mentiras, que é preciso combater lá fora e cá dentro, porque um país como o nosso, fiel aos princípios da civilização cristã, com um sistema político firmado em razes fortes e duráveis, que se traduz na solidariedade das populações portuguesas e onde o problema racial não existe e são aceites todas as crenças, não pode ficar inativo perante tão hostis arremetidas do sr. Khrushchev e os seus sequazes brancos.

Continua na 2.ª página

Este número foi visado pela Delegação de Censura



ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

Ao discursar na 15.ª sessão regular da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, em 22 de Setembro de 1960, o Presidente Eisenhower, que convocou todas as nações para contribuírem, através das Nações Unidas, numa «justa paz» e evitar a «guerra por falta de cálculos», expôs o seu plano recomendando um programa de assistência económica e técnica aos países subdesenvolvidos, novas negociações sobre o desarmamento, controle internacional da energia atómica e dedicação ao Espaço exterior para um progresso pacífico.

Para quando um mundo melhor?

SEGUNDO promessas dos velhos estadistas, os homens do xadrez da política mundial, o mundo tende a enquadrar-se num nível de vida melhor para todos os povos, sem exclusão de raças, seja ela qual for a sua cor ou religião. Melhor: desde há muito que se trabalha, a passos agigantados, a — dentro dos bastidores dos mestres da política mundial, para uma vida melhor dos povos, quer no campo económico, quer político e religioso, afim — de se dar a cada um aquilo a que cada um tem direito, a bem da humanidade futura, isto é: dum mundo melhor.

No entanto, não obstante todos esses esforços já dispendidos, de todas as energias já gastas nesse sentido, todo o tempo passado apenas tem decorrido debaixo de uma tensão nervosa, debaixo de uma atmosfera de duras incertezas, quer para governados, como para governantes: Tem-se queimado quase todo o tempo em promessas inúteis e batalhas inglórias gasto rios de tinta inutilmente em pactos de não agressão, direitos de passagem nos mares, etc, etc. É tudo porque, esta é que é a grande verdade das coisas, a maioria — desde os pequenos aos grandes homens: parou na encruzilhada de Bem, espreitando cada um deles, na mormente dos casos, os seus triunfos, as suas conveniências ou crenças. Numa palavra. Tudo porque os homens ficaram amarrados a si mesmos, sempre à espera de que os outros fizessem aquilo que a cada um — e só a cada um! pertencia fazer, como sua quota parte do bem há tanto desejado pelos povos.

Por este facto, enquanto perdurar esta triste interrogação de: «Para quando um mundo melhor», o mundo jamais rolará no tapete da realidade, quer dizer: no campo da verdadeira civilização cristã! Como tal, urge, quanto antes, a comunhão do homem, para a legal emancipação do próprio homem!

Sem este passo inevitável, sem esta mútua compreensão do homem, o mundo de hoje, como o de amanhã, jamais deixará de ser o anfiteatro das lutas sangrentas que desde o princípio do mundo se vêm travando até aos nossos dias. Sem esta parcela de boas vontades, o mundo um dia deixará de ser mundo, pois mais dia menos dia acabará num dilúvio total, ou os homens enlouquecerão, inutilmente, de um momento para o outro, nos laboratórios do Mal, ou seja da química da guerra, para mal de toda a humanidade!

Por isso, que os homens do Bem, as almas de boa vontade, dêem as mãos quanto antes, a favor da Paz, ponham toda a sua boa-vontade ao serviço do desarmamento, são os meus votos, porquanto, como todos sabem, a guerra é o flagelo máximo da humanidade!

Portanto, estadistas ou não, homens do bem-comum, basta de ódios e mal-querenças, porque o mundo não necessita de guerras, mas sim o homem de Paz, Amor, Pão e Lar! E as terras, essas não necessitam de mais metralha, mas sim de adubos, mas de adubos são, pois que sem eles jamais darão pão saboroso!

Por isso, homens do Bem, adubai a terra com o sulfato indispensável da vossa união e boa-vontade, para que assim, livre do bicho da sementeira,

por J. Santos Stocker

Teatro dos C.T.T.

Na próxima terça-feira, realiza no Teatro António Pinheiro, desta cidade um espectáculo, o já famoso grupo teatral do pessoal dos C.T.T., levando à cena a peça «Uma Mulher que veio de Londres».

Trata-se de uma comédia em 3 actos, original de Joaquim Alameda.

A interpretação desta peça obteve a 1.ª Mensão Honrosa e o 1.º prémio de interpretação feminina (D. Maria de Lourdes Bernardo) no concurso de Arte Dramática, promovido pelo Secretariado Nacional de Informação, em 1959.

A direcção de ensaios e encenação dos artistas está a cargo de Maria Schulze e António Sarmiento.

Todos os 19 componentes que constituem este belo elenco frequentam o Curso de Arte de Dizer dos C.T.T.

Estamos certos de que o público taurinense tão amante da nobre arte de Palma não faltará a este espectáculo, gentilmente oferecido pelo Centro de Desporto Cultural e Recreio do Pessoal dos C.T.T.

Circo Arriola - Paramés

Deu no passado dia 19 do corrente, um espectáculo nesta cidade, este famoso conjunto que percorre a Europa e que já há algum tempo se encontra no nosso país, onde tem alcançado grandes êxitos.

Trata-se de facto de um conjunto equilibrado, cujo espectáculo agrada e dispõe bem a assistência.

Muito embora a maioria dos trabalhos apresentados pelas Companhias de Circo que percorrem a provincia não sejam inéditos, o que é uma verdade é que o Conjunto Arriola, sem distinção de números, conquista justos aplausos. Desde o interessante friso feminino aos palhaços, anões, etc. que nele actua, todos desempenham os seus papéis com agrado.

Madrinha de Guerra

Solicita, Herculano António Ponte, soldado aluno do C.S. M. N.º 642/60, 4.ª Companhia C.I.S.M.I. — Tavira.

ela possa, de amanhã em diante, florir aos nossos olhos e dos nossos vindouros!

Pois sem a sólida união de todos vós, sem o vosso mútuo entendimento, — longe de mal-querenças e de ódios! — o mundo jamais poderá dar ao homem de amanhã aquilo que de há muito ao homem pertence por direito!

Só a união do homem fará brilhar um dia, à luz clara do Sol Futuro, os direitos do homem, nos trará o respeito do homem pelo homem!

Sem este passo em frente, o mundo continuará a ter a espreitá-lo a maldição das tragédias dos terremotos e dos maremotos do Chile, etc, etc. Sem este passo, repito, o mundo será em breve um único montão de destroços, apenas sómente ruínas e escombros, por nossa culpa!

Portanto, nobres missionários do Bem, dêem as vossas mãos, em traço de união perpétuo, atirem fóra as armas e os ódios, que depois deste passo, a terra rasgar-se-á em claridade, para dar justa passagem à nobre família do Bem, ou seja à santa trindade da Paz, do Amor e do Lar. Numa palavra: Depois desse passo em prol do bem-comum, Deus abençoará a Terra e os Homens, dará ao homem o seu bem-estar futuro, a bem das raças e das tribus já hoje sem razão de existência!

A campanha contra PORTUGAL

Continuação da 1.ª Página

«As províncias portuguesas ultramarinas são independentes pela própria independência da Nação», assim o afirmou na O.N.U. o nosso representante, sr. Dr. Vasco Garin.

Não temos colónias. A Nação Portuguesa é: «una e indivisível». A Nação é uma só. Uma verdade de cinco séculos! Não é uma verdade como outra qualquer!

É ainda o embaixador português Dr. Vasco Garin a dizer e bem alto, na assembleia geral da O.N.U.: «Portugal tem uma longa história de realizações com recursos limitados. O nosso contributo para a civilização e para o progresso da Humanidade é positiva. Sempre tivemos capacidade e grande coração para viver em paz com todos os povos do Mundo, sem olhar à raça, à cor e ao credo. Somos solventes, trabalhamos muito, nunca interferimos nos assuntos internos de outrem, e nunca tentámos impor a nossa forma de pensar aos que posam de nós diferir.

O que pedimos a esta Assembleia, particularmente aos membros que escolheram para nos atacar os pontos que consideram as nossas fraquezas (ao mesmo tempo que, ousado dizer, esqueceram as suas próprias) é que nos deixem continuar o nosso trabalho em paz, como a eles deixamos. Sinceramente, acreditamos que o julgamento da História é mais avisado do que a emoção do momento.»

Portugal, nunca criou problemas a ninguém. Temos sabido resolver os nossos, como nação de maiores que somos.

Temos sido bons vizinhos e a nossa colaboração de boa vontade tem sido sempre manifestada e dada a todos, o mais lealmente possível.

Neste mundo conturbado, temo-nos afirmado, desde Timor ao Algarve, uma Nação de trabalho, de ordem e de harmonia.

A nenhum país estrangeiro é dado o direito de interferir na nossa vida, nos nossos territórios e no nosso sistema político.

Acabe-se com estas torpes e ignóbeis atoardas e mentiras!

Não as toleraremos de maneira alguma, porque somos uma Nação una e indivisível!

Tribunal Judicial

COMARCA DE TAVIRA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia 27 do corrente mês de Outubro pelas 15 horas, à porta do executado José Francisco Varões, casado, agricultor residente no Campo dos Mártires da República, desta cidade, na execução pendente na Secretaria Judicial de Tavira contra o referido executado, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para se arrematar ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, um motor de marca Petter, tipo AVI n.º 656, 396, cinco B.H.P., mil e quinhentas rotações por minuto, e a respectiva tubagem.

Tavira, 6 de Outubro de 1960
O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira
O Chefe da Secção de Processos

João Faustino Nunes Gonçalves

Sebastião Neves

da Quinta da Torres de Aires - Luz

Fáz saber, por intermédio de este jornal aos clientes habituais que a sua plantação de Repolho de Holanda se acha em condições para dispor.

O Porto e a Barra de Tavira

Continuação da 1.ª página

mais económicas vias de comunicação.

Tal estado de coisas tem abalado profundamente a vida económica local, e os seus fortes reflexos têm-se feito sentir duma maneira geral.

Há anos que paralizou a indústria dos calafates, outrora tão florescente, que empregava algumas dezenas de braços, bem como o pessoal de cargas e descargas, que teve que procurar vida por outras paragens.

A par disto verifica-se que, para o proprietário e para o produtor de sal, tão abundante na nossa região, os seus produtos foram encarecidos, à míngua de transportes marítimos.

A indústria de conservas paralizou e até mesmo os embarques para o estrangeiro da mercadoria fabricada nas duas fábricas existentes, têm que ser feitos nos portos de Faro ou Vila Real de Santo António, por falta de acesso à navegação.

Tavira possui quatro armazéns de pesca de atum, lançadas nas suas águas territoriais, e deste modo o tráfego do pescado, quer para abastecimento do público quer para as fábricas chega, por vezes, a tornar-se impossível mesmo em pequenas canoas, obrigando-se os compradores a transportar o peixe da lota de Vila Real de Santo António, em camionetas, com prejuízo da indústria e do público.

A acrescentar às razões expostas, meramente de aspecto económico, teremos também que salientar os naufrágios que anualmente se registam, pondo em perigo muitas vidas e haveres.

Durante a quadra do Inverno raro é o mês em que o nosso salva-vidas não tem chamadas de urgente socorro, intervenções estas que também são prejudicadas pela distância, dado o insuficiente canal de comunicação do rio com o mar, que hoje fica a distância já considerável para pronto socorro num momento aflitivo.

Dezenas de apelos têm sido formulados nas colunas deste jornal e todos eles justos e oportunos, sem que ainda se tivesse lançado um olhar perscrutador para o triste estado da barra de Tavira.

Mais uma vez daqui lançamos o nosso brado de angústia pelos pobres pescadores taurinenses, apelando para que o Governo da Nação enfrente este problema pelo que ele representa de interesse para tão importante região e pela sua necessidade para essas centenas de trabalhadores do mar que nele vão diariamente an-

gariar os meios de subsistência para a sua prole.

As nossas palavras são a expressão verdadeira do estado caótico a que chegou a barra de Tavira e a urgente necessidade que há em proceder ao seu desassoreamento.

Julgamos oportuno explicar que não se trata de uma obra onde o Estado vá enterrar cifras astronómicas, como em algumas que temos visto anunciar. Apesar dos nossos rudimentares conhecimentos de engenharia estamos devidamente informados que tal obra não acarretará grandes despesas, porquanto ainda lá existem os paredões que foram construídos quando da abertura da barra.

O problema consiste apenas no desassoreamento do canal e do porto de abrigo anexo, onde outrora ancoravam navios de grande cabotagem.

Embora o nosso município se empenhe com projectos de alta valia para modernizar a cidade, e a iniciativa particular colabore generosamente em tão belas realizações, o que é uma verdade é que a cidade continuará a vegetar no campo comercial e industrial se a sua barra, fonte de acesso a tantas outras actividades, continuar fechada a navegação.

Nesta hora alta de grande progresso que atravessamos, erguemos, desta tribuna concelhia, a nossa voz para solicitar de Sua Ex.ª o sr. Ministro das Obras Públicas a verba necessária para o fim em vista.

Naufrágio na Fuzeta

Em menos de meia hora se afundou, no passado dia 17, com água aberta e apesar dos esforços da tripulação, o barco de pesca «Deus Pensava», propriedade do pescador Mário Jorge, que seguia a bordo como «mestre».

Os 16 tripulantes conseguiram salvar-se em três botes, mas tiveram de remar durante 6 horas até atingirem a costa.

Quando se verificou que era impossível salvar o barco, Mário Jorge deu ordem para a tripulação entrar nos botes mas recusou-se a acompanhá-la.

Agarrado à roda do leme, e chorando, queria ir para o fundo com o seu barco, tendo os companheiros sido obrigados a arrastá-lo para um dos botes, apesar da sua resistência. — (ANI)

Propriedade

Vende-se, no sítio da Palmeira, com diverso arvoredo e casas de habitação, ramada, palheiro e outras arrecadações, que consta de regadio e sequeiro, com pomar e abundância de água.

Tratar com Nuno Falcão Ponce, Rua dos Lusíados, n.º 64-2.º Dt.º - Lisboa 3.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-FOTOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA—SONS

Ciática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS FARO—PORTIMÃO tefs. 368

A propósito

de um esclarecimento

Continuação da 1.ª página

não reverendos mas também sabichões) desatam a fazer obras pondo em prática as suas múltiplas manobras... convencidos de que não têm satisfações que dar a ninguém por se julgarem donos daquilo que verdadeiramente lhes não pertence.

Foi por assim pensar que disse no artigo anterior que a Igreja das Ondas não era de A ou de B mas sim património da Cidade, património público.

Os tempos que os srs. Piores consideram propriedade da Paróquia, ou de qualquer organismo, estão, a meu ver, pelo menos moralmente, nestas condições quando o seu interesse ultrapassa certos limites.

Quer isto dizer que não há igrejas ou capelas particulares? Não, não quer.

Mas note-se que mesmo nestas, quando o seu interesse val além desses tais limites, os respectivos donos como que o sentem e depressa se capacitam de que não devem subtrai-las à curiosidade ou devoção dos estranhos e geralmente não se atrevem a negar a sua visita, o que certamente não consentiriam se se tratasse do seu quarto de dormir ou do seu escritório ainda que monumentais.

Com tal esclarecimento o reverendo Prior apressa-se a sacudir a água do seu capote confirmando o velho aforismo: «Antes que te chamem torta põe-te à porta»...

Vejamos se sacudindo a água da sua batina ainda alguns salpicos — coisa sem importância — não ficaram à vista.

E da Casa dos Pescadores a Igreja das Ondas? Não o sabia mas acredito que sim. É por isso mesmo que nela se depositam os cadáveres dos seus associados sem que a Casa dos Pescadores cobre um centavo que seja por essa obra de piedade, chamemos-lhe assim.

E o Pároco, o que faz? Esse, por cada corpo ali depositado cobra uma continha que, conforme o seu critério, vai a umas centenas de escudos acrescentadas. No entanto o corpo não está depositado em propriedade sua...

Como, felizmente, não tenho tido muitos falecimentos na família, não sei se esta regra também se estende já aos mortos depositados nas residências particulares que me consta não serem, por enquanto, propriedade da Paróquia...

Claro que se os párocos assim procedem em propriedade que não lhes pertence é porque se baseiam em qualquer direito ou constituição.

Segundo o direito civil, um indivíduo pode usufruir uma coisa que não lhe pertence.

Cunha Gonçalves define assim o usufruto: «É o direito real de gozar uma coisa alheia, temporariamente e como um bom ou prudente proprietário» (Tratado de Direito Civil).

Se os frutos «cadavéricos» constituíssem um direito sancionado pela lei geral, só poderiam estar incluídos naquele grupo de frutos especificadamente chamados frutos civis; mas o nosso Código não contempla tal mercadoria.

Portanto forçoso é concluir que o direito que permite estas transacções deve ser o direito canónico à moda do feudalismo medieval, e, se assim é, bem poderão ser chamados «frutos canónicos», taxados e bem puxados por qualquer constituição sinodal, acabando produto da persistente ideia do «venha a nós o vosso reino»...

Mas a verdade é que apesar disso eu não estranhei, nem contava, que qualquer rev. pároco se colocasse a meu lado na manifestação de pesar que se verifica no meu artigo anterior, sabido como é que mesmo que a Igreja das Ondas ficasse reduzida só às quatro paredes e ao telhado ainda continuaria a servir para depositar defuntos e para a recolha destes frutos canónicos, prebendas nada para desprezar visto chegarem a atingir várias centenas de escudos por cabeça...

Depois deste esclarecimento ainda algum pároco julgará que nada tem com um templo que «apenas» desfruta?

Nesse caso aconselho-o a que leia com atenção o artigo 2249 do Código Civil.

Lá verá que o «jus in re aliena»

Viva Portugal

Continuação da 1.ª página

Como muito bem o afirmou em Coimbra o sr. Ministro da Educação Nacional, «estamos assistindo a uma ofensiva comunista contra o espírito europeu e, o que é mais grave, estamos assistindo à renúncia de parte da Europa, à missão civilizadora que ela se impôs desde o século XV. Renúncia que muito se parece com covardia».

Toda a Imprensa portuguesa tem dado o seu generoso apoio às manifestações que se têm feito contra as injustas e insultuosas palavras proferidas contra a nossa soberania, apoiando moralmente o Governo, nesta hora grave num espírito de solidariedade em defesa do património nacional.

Portugal é uma nação com oito séculos de história que deu novos mundos ao Mundo na sua acção civilizadora.

Nas nossas províncias de «lém-mar, onde palpita o sangue lusitano, não há distinções de raças, todos se irmanam porque a todos a Pátria é querida. Não vamos em cartas de Passionária nem seguimos os destinos dos que desconhecem o amor da família porque esses nunca sentirão o amor da Pátria.

Pretender arrancar a Portugal os seus seculares domínios é como que querer arrebatar à mãe velha e extrema os seus filhos queridos.

Naol Porque os destinos das pátrias não podem ser julgadas pela inconsciência dos homens mas sim pela justiça de Deus.

Viva Portugal!

Um jornalista de Goa visita o Algarve

Esteve no Algarve, dando-nos o prazer da sua visita, o sr. Dr. Noronha Rodrigues, jornalista indiano, que trabalha no «Heraldo de Goa».

O fim da sua visita a Portugal, onde veio assistir às Comemorações Henriquinas, é tomar apontamentos para próxima publicação de um livro sobre a sua viagem à metrópole portuguesa.

Declaração

José Gonçalo, participa para todos os efeitos legais que, por motivos da sua vida pessoal, não se encarrega de quaisquer serviços de construção civil.

Motorista

Precisa-se com carta de pesados ou profissional. Trata Joaquim Pires Cruz, Horta do Carmo — Tavira.

PRÉDIO

Vende-se, com rés do chão e 1.º andar, com grande área e bem situado, tendo frente para duas ruas centrais.

Trata José António dos Santos, Rua Alexandre Herculano, 15 — Tavira.

está sujeito a certas regras e condições, uma das quais é zelar pela propriedade alheia «como um bom e prudente proprietário».

O usufrutuário que assim não fizer pode perder o direito aos respectivos frutos chorudos e terá de rezar-lhes por alma o «De profundis» do ritual... E é que perde-os mesmo!...

M. S.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria de Lurdes Baptista Regato, D. Maria João Gaspar Bacalhau, D. Maria Julieta Tavares e os srs. José Amândio Pereira Vargas e Alberto da Silva Ferreira.

Em 24 — D. Maria Amélia Ramos menina Isabel Maria Pires de Sousa e os srs. Aurélio Anibal Bernardino, José Augusto da Conceição Martins, António Horta e Mário Fernando Peres Calico.

Em 25 — Os srs. Júlio Cordeiro Peres, Manuel de Sousa e Mário do Nascimento Jara.

Em 26 — D. Maria Amélia Cansado Carvalho, D. Ermelinda do Carmo Zacarias e os srs. Virgílio Evaristo Cavaco e António Joaquim Evaristo Luis.

Em 27 — D. Maria Helena de Amorim Ribeiro e Alberty, D. Celina Maria Santana Cordeiro, menina Ana Luisa Sofia Miguel Mendonça e os srs. Rev.º Prior António do Nascimento Patricio, João dos Santos da Conceição e Vitor José Camões Castanho Soares.

Em 28 — D. Maria da Encarnação Viegas Mansinho Ramos, D. Eulália do Carmo Alves Leandro, D. Maria Albertina da Silva, D. Maria Emília Jacinto Fernandes e os srs. Isaldo Correia de Matos, Fernando Baptista Lopes e José Sebastião Ribeiro Pereira.

Em 29 — D. Maria Mercedes Lopes Guerreiro, D. Maria Celeste Lopes Lourenço, menino João Feliciano Peres da Funseca Soares e os srs. Renato Eusébio Eugénio Quaresma e Custódio Filipe Cansieira.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa esteve nesta cidade, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Pedro de Freitas, residente no Barreiro.

— Foi à capital, o sr. Capitão Eduardo Maria Pacheco Pinto, gerente da fábrica de moagem da firma J. A. Pacheco, desta cidade.

— Por ter sido colocado como escriturário numa fábrica de Cerâmica do Areiro, seguiu para Torres Vedras, onde fixou residência, o sr. Apolinário Damasceno da Fonseca e Silva.

— Foi transferido da estação de Moura, para a de Monte-Gordo, o nosso assinante, sr. José Adriano da Cruz Mendonça.

— Com sua família, encontra-se nesta cidade, o sr. João de Mendonça Vargas, importante industrial e nosso assinante em Marrocos.

— Com sua esposa, sr.ª D. Isabel Vargas Freire, regressou à sua casa em Lisboa, após ter passado as férias em diversas estâncias de turismo do nosso País, o sr. João de Deus Simões Freire, funcionário superior do Banco de Portugal, aposentado.

— No gozo de férias encontra-se nesta cidade com sua mãe, o nosso conterrâneo e assinante, sr. António Centeno Pinto, funcionário do Banco Português do Atlântico, em Lisboa.

Registo de Nascimento

No passado dia 19 do corrente, realizou-se na Conservatória do Registo Civil, desta cidade, o registo de Nascimento de uma filha da sr.ª Dr.ª D. Maria Lobélia Caetano Dias, directora da farmácia da Casa dos Pescadores desta cidade, e do sr. Daniel da Cunha Dias, comerciante em Tavira.

A recém-nascida que recebeu o nome de Maria Teresa Caetano Dias, foi apadrinhada pela sr.ª Dr.ª D. Maria Emília Cardoso Lomba e pelo sr. José Alberto Capela, funcionário público.

Casamento

No passado dia 9 do corrente, realizou-se na Igreja de N.ª Senhora de Fátima, em Póvoa de St.ª Iria, o casamento da Sr.ª D. Custódia Augusta Matos, filha da Sr.ª D. Serafina Augusta Matos, já falecida e do Sr. Manuel Henrique de Matos, nosso conterrâneo e assinante, com o Sr. António Júlio da Fonte Rua, empregado da Fábrica de Nitratos de Portugal, natural da freguesia de Adoufe, Vila Real de Trás-os-Montes, filho da Sr.ª D. Margarida Fernandes da Fonte e do Sr. Palmiro Gonçalves Rua.

Apadrinharam o acto o Sr. Engenheiro Américo Godinho Cardoso Botelho, Dig.º Presidente da Câmara Municipal de Azambuja e sua Exm.ª Esposa sr.ª D. Maria da Conceição Cardoso Botelho e a irmã da noiva Menina Maria Gregório Matos.

Finda a cerimónia relesiosa, os noivos derigiram-se para casa do irmão da noiva sr. Alfredo Augusto Matos, encarregado de Armazem da Firma João Pires & Filhos, Ld.ª em Pinhal Novo.

Os noivos fixaram residência em Póvoa de St.ª Iria.

Realizou-se no dia 15 de Outubro na Capela de Santa Margarida, freguesia de Santiago, o enlace matrimonial por procuração, da sr. D. Esmeralda Calvino Horta,

VILANCICO

Armillá — tão doce intento... Sentadinha à beira-mar, Escutas na voz o vento Das ondas o marulhar? No teu profundo cismar Onde vai teu pensamento, Armillá d'olhar atento Sentadinha à beira-mar?

Se o amor é um portento E o Destino é condição... Se um al é desalento E pode ser vibração... Inexperiente pensar Fmbala teu coração? Que te diz a voz do vento Sobre as ondas a rezar? Armillá d'olhar atento Sentadinha à beira-mar, Repara que um só momento É a Vida... a caminhar...

Val de Santarém

João d'Aldeia

A Escola Jara

Continuação da 1.ª página

Recordo-me ainda de ter visto, numa dessas exposições, um trabalho geométrico feito por um sr. Leiria, que traduzia bem a firmeza do seu traço.

Com quanta saudade me lembro daqueles tempos, em que subia de dois em dois os degraus da escada que dava acesso à sala das aulas! A saída tínhamos então o inesquecível «eixo-corrido», quando não era a «trouxa-lamouxa meu real camarada». Mas em todas aquelas recordações está à frente a Escola Jara.

Como seria interessante, em determinados casos, ficarem vestígios dos grandes e bons exemplos que, infelizmente, para mal dos necessitados, com a demolição dos edifícios construídos para fins idênticos ao da Escola Jara, acabam por serem esquecidos.

Como o bemérito Jara sabia sentir a adversidade dos seus semelhantes! Além dos quarteirões de casas que mandara construir para os pobres, ainda lhes deixou dádivas que lhes foram entregues durante alguns anos nos primeiros dias do mês de Outubro, chamadas esmolos do Carmo.

Que coração tão nobre o de José Joaquim Jara! Este bemérito merecia, sem favor, ter em lugar bem público, algo que se referisse à sua humanitária obra.

Um antigo aluno da Escola Jara

Raul dos Santos Piloto

Vacinação antirábica

Livramento, dia 26 de Outubro, às 14 horas; Santa Maria e Sant'Iago, dias 1, 2, 4 e 5 de Novembro, às 11 horas; Santa Luzia, dia 7 de Novembro, às 10 horas.

O «Povo Algarvio», vende-se em Lisboa na Incrementum, Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem Assinaturas e Publicidade.

gentil e prendada filha da sr.ª D. Isaura Calvino Horta e do sr. António Horta, cabo da Guarda Fiscal, com o sr. António Abel Cordeira aspirante administrativo, filho da sr.ª D. Laura dos Santos Cordeira, e do sr. Albino Maria Cordeira.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Catarina da Conceição Gil e seu irmão sr. Dr. António da Conceição Gil, e por parte do noivo, seus pais.

No fim da cerimónia foi servido um fino copo de água na residência dos pais da noiva, vendendo-se na «corbeille» valiosas prendas. A noiva seguiu para o Norte em companhia dos sogros.

Necrologia

Manuel Viçoso

Na Fuseta, onde residia, faleceu há dias repentinamente, o sr. Manuel Viçoso, figura popular e muito estimada naquele meio, que durante muitos anos foi cobrador do nosso jornal naquela localidade.

À família enlutada endereçamos sentidos pésames.

QUADROS

de Loulé antigo

Continuação da 4.ª página

Este inegalável Exército que, nos campos lamacentos da Flandres, como nas paragens inhospitas do Continente Africano, escrevera a bem marcados traços de sangue, algumas das páginas mais brilhantes da História de Portugal.

Honra o Exército Português! Sandando a todos Vocelências, que me honrastes com a vossa presença aqui, eu levanto a minha taça pela saúde e prosperidade da nossa querida Pátria — Portugal. Heróico e Eterno.

Num feliz improviso o General Raúl Esteves agradece a homenagem prestada, brindando pelos donos da casa a quem oferece, como recordação, umas bandeirinhas-miniaturas, em seda, emblema do batalhão.

Fala o presidente da Câmara Municipal de Faro, Francisco Guerreiro Barros, que, aproveitando a circunstância de estar ainda dentro do seu concelho, cumprimenta os visitantes e agradece ao sr. Assis Machado e à aldeia de Estoi, a forma acolhedora como haviam sabido interpretar os sentimentos que naquele momento animavam todos os algarvios.

E numa oportunidade em que todos os ânimos se acham plenos de reconhecimento pela abundância, pelo luxo, pelo requinte do «Porto de Honra» e pela afabilidade com que todos os visitantes são rodeados Joaquim Caetano Frazão, lavrador de Santarém e homem da edilidade camarária desse importante burgo ribatejano, que no Batalhão em França fora segundo sargento, com o calor do seu entusiasmo e o volume da sua voz, finaliza a série:

Para V. Ex.ª, sr. Assis Machado, e para a sua ilustre família, vai todo o nosso maior reconhecimento de gratidão.

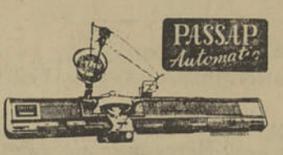
V. Ex.ª a coisa alguma se poupou. Já abrindo-nos o vosso alto e largo portão brazenado deste elegantíssimo palácio — que eu desconhecia e nem supunha existir escondido nestas paragens de uma aldeia algarvia — onde o nosso espírito extasia em presença de tanta sumptuosidade; já ofertando-nos um «Porto de Honra» onde não sabemos o que mais admirar: se a finura da sua confecção se a abundância de que se compõe; e, para que mais se complete este soleníssimo acto de V. Ex.ª, o qual nem sequer faltou o sorriso e a lhanesa de vossas gentis filhas, perante quem me curvo respeitosamente.

«Obrigado, sr. Assis Machado: por mim e por todos os meus camaradas da guerra». Uma fotografia culmina todo o acto solene: no jardim pousa para a recordação e para a saudade:

Coronel Hermínio Serrano, Pedro de Freitas, Dr. Mário Lyster Franco, Capitão Jaime Galo, Cónego Dr. Avelino de Eigueiredo, Eng. Gaioso, António Duarte de Assis Machado, Carlos d'Ornelas, D. Maria do Carmo Melo de Assis Machado, Major Rosa Bastos, General Raúl Esteves, (P) Dr. veterinário Francisco Amado, D. Maria e D. Isabel Assis Machado e Francisco Guerreiro Barros.

A gratidão ao nobre gesto do sr. Assis Machado, fica a perdurar no Batalhão, que, desde logo é convidado a assistir às Festas em Loulé, e, em alguns anos seguidos, convidado também a participar nas festas anuais, as quais foram: Santarém, Tomar e Barreiro. E nesta foi-lhe conferido, muito justamente, o galardão de combatente honorário do batalhão.

Máquina de Tricotar
PASSAP
tão simples que dá prazer tricotar



Sem pesos nem platinas, executa todos os pontos imagináveis, trabalhando com todos os fios. 10 anos mais antiga que todas as marcas, atingiu, em 1958, 52% da exportação total suíça, ao lado de 12 marcas concorrentes. Na PASSAP o trabalho não encolhe.

A prestações mensais desde 112\$00

Agente local:
Francisco José de Mendonça Fernandes
Rua José Pires Padinha, 60 — Telf. 144 — TAVIRA

FARO acordara ao som de Festa rija: música, foguetes, e movimento extraordinário de camionetas e forasteiros.

Na gare ferroviária e no Largo fronteiro, algumas centenas de indivíduos e altas entidades oficiais, bem cedo por ali rodopiavam «a fazer horas».

por Pedro de Freitas

Governador Civil do Distrito e Presidente da Câmara de Faro, respectivamente srs. Matias Gomes Sanches e Francisco Guerreiro Barros; Dr. Mário Lyster Franco, da Comissão Municipal de Turismo, e mais entidades de categoria social, acorrem a fazer as honras da cidade à distinta embaixada visitante.

As sete e meia já é grande a efervescência nesse sector ferroviário. Da cidade, ali convergia grande quantidade de curiosos. O relógio parecia não andar. A rigidez do protocolo atingia o aborrecimento. Só às oito horas a recepção oficial seria dada. Havia que esperar. No salão ferroviário o General permanece silencioso. Entretanto, o guarda do dito, Carlos Azevedo, abeira-se de mim e diz-me: «o nosso General que chegue lá».

Eu e o Major Bastos subimos ao salão e depara-se-nos, muito abatido pela doença e pela viagem, o nosso Chefe. Ouvilo e vê-lo foi impressão, para nós, dolorosa.

— Quem são aqueles dois senhores que estão além na gare?

— São os srs. Governador Civil e Presidente da Câmara.

— Ah! bem: eu não posso acompanhá-los. Vão os senhores a Estói que eu só sairei daqui para seguir, mais tarde, para Loulé. Vão buscar-me leite e torradas, que me sinto fraco.

— Meu General! Quanto às torradas e leite vou ao café Aliança buscar. Mas quanto à resolução de não nos acompanhar... Oh! Meu General! Não nos dê esse desgosto. Mais um sacrifício. Faro e Estói, no que de melhor têm, estão à vossa espera. A presença de V. Ex.ª é imprescindível. Vai ver: depois de beber o leite e comer as torradas, vai ver, meu General, como se vai sentir melhor no meio dos entusiasmos de tantos vossos admiradores.

Reanimando com o pequeno almoço, impõe a condição de só seguir em automóvel, pois a trepidação da camioneta, dado o seu estado, incomoda-o bastante.

Desce do salão acompanhado por mim e pelo Major Bastos. É cumprimentado oficialmente. Retribuí cumprimentos. É abraçado pelos camaradas. E, quando a Banda abre com os seus vibrantes acordes o belo desfile dos «Sempre Fixes», e, no ar, os foguetes agitam e as palmas dos algarvios ecoam a vitoriar o heróico Batalhão, o General sente-se com mais vida, e, jovial e sorridente, lá segue no meio das entidades oficiais, a abrir o belo e imponente cortejo que tem como guarda avançada um enorme quadro de Flores, com uma locomotiva e os distintivos do Batalhão, símbolo da antiga unidade militar. É transportado pelo camarada de cor, o nosso companheiro de guerra, e muito estimado, Francisco Preto.

Faro vibra bem ao vivo nessa agradável manhã do tradicional 1.º de Maio. Cumprimentos feitos, à roda do Jardim Bivar, catorze grandes camionetas, esperam a simpática excursão dos antigos combatentes. Era esta a gentileza que tão cavalheirescamente a Câmara Municipal de Loulé oferecia ao batalhão: um passeio lindíssimo num circuito de trinta e sente quilómetros — Faro, Estói, S. Brás, Loulé e Loulé-Gare.

Tudo florido e tudo verde a balouçar à brisa fresca da manhã. Montanhas, planícies, e, a par e passo, lugarejos algar-



Pela Cidade

Teatro António Pinheiro

— Espectáculos da semana — Hoje, para maiores de 17 anos, Marlene Dietrich e Vittorio de Sica na deliciosa comédia, *A história de Monte Carlo*. Em complemento, o grande filme policial *O Salário do Pecado*, com Farley Granger e Anthony Quinn.

Quinta-feira, para maiores de 17, *O Massacre dos Dragões*, com Barry Sullivan e Dennis O Keefe.

Sábado, para maiores de 12, Pedro Infante e Elsa Aguirre na excepcional comédia, *Cuidado com o Amor*. Em complemento, *Aconteceu na 5.ª Avenida*.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Simplício.

vios com as típicas chaminés de todos os feitiços artísticos. Tudo branquinho a saltitar aqui e além. Que espectáculo de maravilha essas centenas de homens, endurecidos pelos horrores de uma guerra, iam, nesse Algarve de lendas e mouras encantadas, de alma embevecida, a contemplar o Belo. E, quando alguma garriada algarvia, camponesa de eleição, de lenço e chapéu, pelas estradas da saúde com o seu sedutor sorriso, as suas expressões atingiam o delírio: «Que Belo, que lindo é este Algarve». E eram os minhotos, e eram os beirões, e eram os trás-montanos, e eram, enfim, todos esses nervos da alma portuguesa, do centro e do norte, a renderem preito ao Sul, ao Algarve de sonho e de poesia.

Estói à vista!...

Luzida guarda avançada de cavalaria da Guarda Nacional Republicana comanda o protocolo de entrada e impõe, à distância, a fidalguia do seu proprietário, o rico lavrador alentejano, António Duarte de Assis Machado, bejense de alma generosa e afável.

De bom agrado cedera uma visita ao seu majestoso palácio e pulcro jardim. E, não só contente com essa deferência para com os combatentes, lúxuos e riquíssimos «Porto de Honra» lhes oferece. E com os seus próprios convidados, no palácio e jardins, mais de 400 indivíduos comem bem e vêem melhor. A nossa Banda de Música extasia os ouvidos com os seus acordes musicais.

Tudo era selecto, tudo era belo nesse antigo Solar algarvio, que, no dizer do nosso Cónego Dr. Avelino de Figueiredo, camarada da guerra ali presente, era, dos palácios de Portugal, uma maravilha nesse lugar escondido do risonho Algarve.

— Como eu desconhecia este paraíso terrestre!...

Assim se expressa o nosso

GAZETILHA

O Prato do Dia

*Está na berra o ciclismo;
Num impulso de batrismo,
A cidade vai prá pista
Ver o Corvo a pedalar,
O Besouro a sprintar
E o Porto a perder de vista...*

*Pois o tal Sousa Cardoso,
Que vinha feito manhoso,
Do ciclismo titular
E uma das grandes luzernas.
Afinal não teve pernas
Para o Pernus alcançar.*

*Pára, avança, que comédia!
Assim não se atinge a média
No meio do desatino!
Pois com essas ordens várias,
Apagam-se as luminárias
E enerva-se o Pontalino.*

*Mas pra tirar as peneiras,
Emendar as asneiras
Da má lembrança que fica,
Como as hostes estão bravas,
Quem há-de pagar as favas
No domingo, é o Benfita.*

*Porque isto não continua,
Já diz a malta da rua:
— Temos desforra famosa:
O Corvo, no seu pelouro,
Faz o fadinho ao Besouro
E a barba ao Alves Barbosa...*

Zé da Rua

XXX Aniversário

do Grupo «Os Carlos»

Para as Comemorações do 30.º aniversário do Grupo «Os Carlos» o primeiro que se fundou no nosso País, está previsto o seguinte programa:

Quarta-feira, 2 de Novembro: Alvorada na Sede por um terno de clarins da G. N. R.; às 14 horas distribuição de livros escolares, solicitados pelos estudantes pobres.

Quinta-feira, 3 de Novembro: Distribuição de tabaco, papel e fósforos, aos Carlos doentes internados nos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Sexta-feira, 4 de Novembro (Dia de S. Carlos): às 9 horas, Missa na Igreja da Madalena, à Sé, por alma dos Carlos falecidos; às 15 horas, distribuição de donativos em dinheiro aos protegidos da Imprensa, aos Carlos necessitados e famílias destes; às 20 horas, jantar de confraternização na sede, abrihantado por um quinteto. No final serão distribuídos emblemas de ouro e diplomas de «Dedicação» aos sócios que completaram 20 anos de associados.

Sábado, 5 de Novembro: às 10 horas, distribuição de tabaco aos Carlos encarcerados por qualquer delito, nas cadeias do Aljube e Limoeiro; às 14 horas, a mesma distribuição, nas cadeias Penitenciária de Lisboa, Caxias e Linho.

Domingo, 6 de Novembro: Visita às campas dos fundadores do Grupo, Carlos Mega, Carlos Moura e Silva, no Alto de S. João, e Carlos Moniz Pereira, no Lumiar; às 16 horas, exposição de enxovais oferecidos pelos familiares e amigos de «Os Carlos», para serem distribuídos aos que nascerem no dia 4 de Novembro e se baptizem com o nome de Carlos.

Este grupo enviou-nos 30\$00, para distribuímos pelos nossos pobres. Em nome dos contemplados agradecemos.

Cónego amigo ao admirar os encantos do palácio.

Fizeram as honras do excelente palácio a esposa do afável proprietário sr.ª D. Maria do Carmo Melo de Assis Machado, e as duas encantadoras filhas, sr.ª D. Maria da Luz e D. Isabel Claudina de Assis Machado, acompanhadas de um numeroso grupo de não menos gentis senhoras das suas relações de amizade.

O orgulhoso proprietário, pleno de solenidade para acto tão transcendental adentro dos muros do seu palácio, — raridade concedida a outros sectores —, exteriorisa a alegria do seu coração com as «Boas-vindas» que apresenta:

Excelências:
Não tenho palavras para exprimir e apresentar a V.ª Ex.ª os sentimentos da minha satisfação e reconhecimento por me haverdes proporcionado a honra de receber, neste modesto solar, algumas das figuras mais ilustres, categorizadas e representativas do glorioso Exército Português.

Continua na 3.ª página

ALGARVE

Desportivo

Campeonato Nacional da II Divisão

O Olhanense continua invicto

Olhanense 5 — Juventude 0

Não há dúvida que um resultado não traduz o jogo produzido por duas equipas.

Eis o caso deste Olhanense - Juventude. A equipa visitante entrou no Estádio Padinha com uma preocupação apenas: Defender a sua balisa. Assim, os dianteiros algarvios, tiveram dificuldade em romper a cortina defensiva dos alentejanos. A 15 minutos do início, Gancho, numa excelente jogada fez o golo, mas o árbitro erradamente anulou, marcando um livre contra os visitantes, por falta sobre o avançado cubista. Finalmente aos 25 minutos André de penalty fez 1-0 para a sua equipa. Vinte minutos depois, Gancho, com um belo golpe de cabeça, aumentou a vantagem.

No segundo tempo o assédio às redes confiadas a Cambráia continuou, tendo, o Olhanense, sem forçar o andamento da partida, marcado mais três golos e perdido outros tantos.

Beja 0 — Portimonense 1

O Portimonense deslocou-se a Beja, onde arrancou 2 preciosos pontos.

Embora a partida não atingisse o nível desejado, a equipa barlaventina soube chamar a si o comando das «operações», tirando excelente partido da sua capacidade física.

O golo solitário foi obtido por Alexandrino aos 49 minutos, depois de excelente trabalho de Cabrita.

Oriental 1 — Farense 0

O Farense foi batido em Marvila, numa partida em que merecia melhor sorte.

Jogando de início com cautela, os algarvios em contra-ataques rápidos punham em perigo a balisa de Edmund. Porém, nunca a sorte os bafejou e foram os donos da casa que aos 43 minutos, numa jogada que se previa inofensiva, marcaram o golo que lhes viria dar a vitória. A partir de então a turma de Vieira cresceu, procurando o golo do empate, o qual não chegou a aparecer para, premiar a sua melhor técnica e a sua inquebrável vontade.



O Louletano Manuel Coelho venceu a Prova de Domingo

Com a participação da equipa do Futebol Clube do Porto, composta por Sousa Cardoso, Carlos Carvalho, Sousa Santos e Azevedo Maia, o Ginásio de Tavira realizou mais um festival de ciclismo em pista, no passado domingo.

As provas tiveram muita animação e obtiveram-se os seguintes resultados:

Amadores (prova de Eliminação) 1.º Elídio Santos, Ginásio; independentes (Prova de Critérium) 1.º Sousa Santos, Porto; 2.º Virgílio Nunes, Ginásio.

(Prova de 100 Voltas) 1.º Manuel Coelho, Louletano; 2.º Jorge Corvo, João Bárbara, Sérgio Páscoa, Alcide Neto, Virgílio Nunes, Humberto Corvo, todos do Ginásio; 3.º Carlos Carvalho, 9.º Sousa Cardoso, ambos do Porto.

A Epulpa do S. L. Benfica abrilhanta o Festival de hoje

Composta por Ilídio do Rosário, Manuel Simões, Henrique Castro e João Marcelino, uma equipa do Sport Lisboa e Benfica corre hoje na pista do Ginásio de Tavira.

Além das provas para independentes haverá também outras para amadores e populares, onde actuarão todos os novos valores do ciclismo tavnense.

Assinal o «Povo Algarvio»

ATLETISMO



Integrado no festival de ciclismo, o Ginásio voltou a efectuar uma sessão de atletismo, com a participação, além da sua, das equipas do S. L. e Faro, F. C. «Os Bonjoanenses» e do Estrela Tavnense.

Verificaram-se melhores resultados em todas as provas realizadas, registando-se as seguintes classificações:

80 metros — Manuel Vieira, Ginásio, 10 s.

250 metros — Herlander Estrela, «Os Bonjoanenses», 33,3 s.

700 metros — José Sebastião Canau, Estrela Tavnense, 1m. 55.

2000 metros — Joaquim Marques, Ginásio, 6m. 38 s. 6.

Peso — Otto Von Hafe, «Os Boejoanenses», 13 metros.

Disco — Alexandre Ferreira, S. L. e Faro, 30,23 m.

Altura — Renato Isidro, «Os Bonjoanenses», 1,62 m.

Comprimento — José Cavaco, S. L. e Faro, 6,07m.

Ofir Chagas

PRÉDIOS

Vendem-se na rua das Freiras 5 prédios com os seguintes n.ºs 28, 37, 39, 41 e 53 outro no Campo dos Mártires da República, 18 e Rua da Caridade, 24 e 2 em Santa Luzia na Rua Comandante Henrique Tenreiro, 32 e Rua Marginal, 67.

Trata Abílio Henrique da Encarnação, Rua D. Paio Pereira Correia, 55 — Tavira.